

Planet Hemp volta à Fundação com 'Jardineiros'

PÁGINA 6



Festa Literária agita a simpática Tiradentes

PÁGINA 12



Raimundo Rodriguez expõe produção recente

PÁGINA 14



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Roger Waters apresenta show da aguardada turnê This is Not a Drill neste sábado no Engenhão

Por Affonso Nunes

Há cinco anos a passagem da turnê Us+Them pelo Brasil foi recheada de polêmicas. O clima de polarização das eleições presidenciais de 2018 fazia de cada um show uma enorme briga de torcidas em torno das duas principais candidaturas a ponto do ex-integrante do Pink Floyd declarar que não pretendia voltar a se apresentar no país. A ameaça não se concretizou e o cantor e compositor conhecido por seu engajamento político e ativismo em prol de causas humanitárias está de volta para apresentações em seis capitais brasileiras.

Depois de abrir o giro na última terça-feira em Brasília, o rock star desembarca no Rio neste sábado (28), às 21h, no Estádio Nilton Santos, com um show da turnê This Is Not a Drill, que talvez marque a despedida de Waters dos palcos.

Originalmente programada para 2020, a turnê foi adiada por dois anos em função da pandemia e teve início em julho de 2022 em Pittsburgh (EUA) e seus últimos shows ficaram para a América Latina.

This Is Not a Drill traz cerca de 20 clássicos de Roger Waters e também do período em que esteve no Pink Floyd como "Us

& Them", "Comfortably Numb", "Wish You Were Here", e "Is This The Life We Really Want?". Waters também apresenta uma nova composição, "The Bar".

"Costumo dizer que This Is Not A Drill é uma nova e inovadora extravagância cinematográfica/rock and roll, é uma acusação impressionante da distopia corporativa na qual todos nós lutamos para sobreviver e um apelo à ação para amar, proteger e compartilhar nosso precioso e precário lar planetário. O show inclui uma dúzia de ótimas canções da Era de Ouro do Pink Floyd ao lado de várias novas. Letras e músicas do mesmo com-

positor, o mesmo coração, a mesma alma, o mesmo homem. Pode ser minha primeira turnê de despedida", afirma Waters.

A julgar pelo que se viu em Brasília, Roger Waters não abdica do ativismo. Desde a abertura, ele manda um recado muito claro aos fãs que se recusam a abraçar questões políticas, algo intrinsecamente ligado a este artista que perdeu o pai durante a II Guerra Mundial. No palco, falando para milhões de fãs mundo afora, ele reforça tudo que vem dizendo há tempos e volta a mostrar que não tem receio de se posicionar. No show de Brasília, fo-

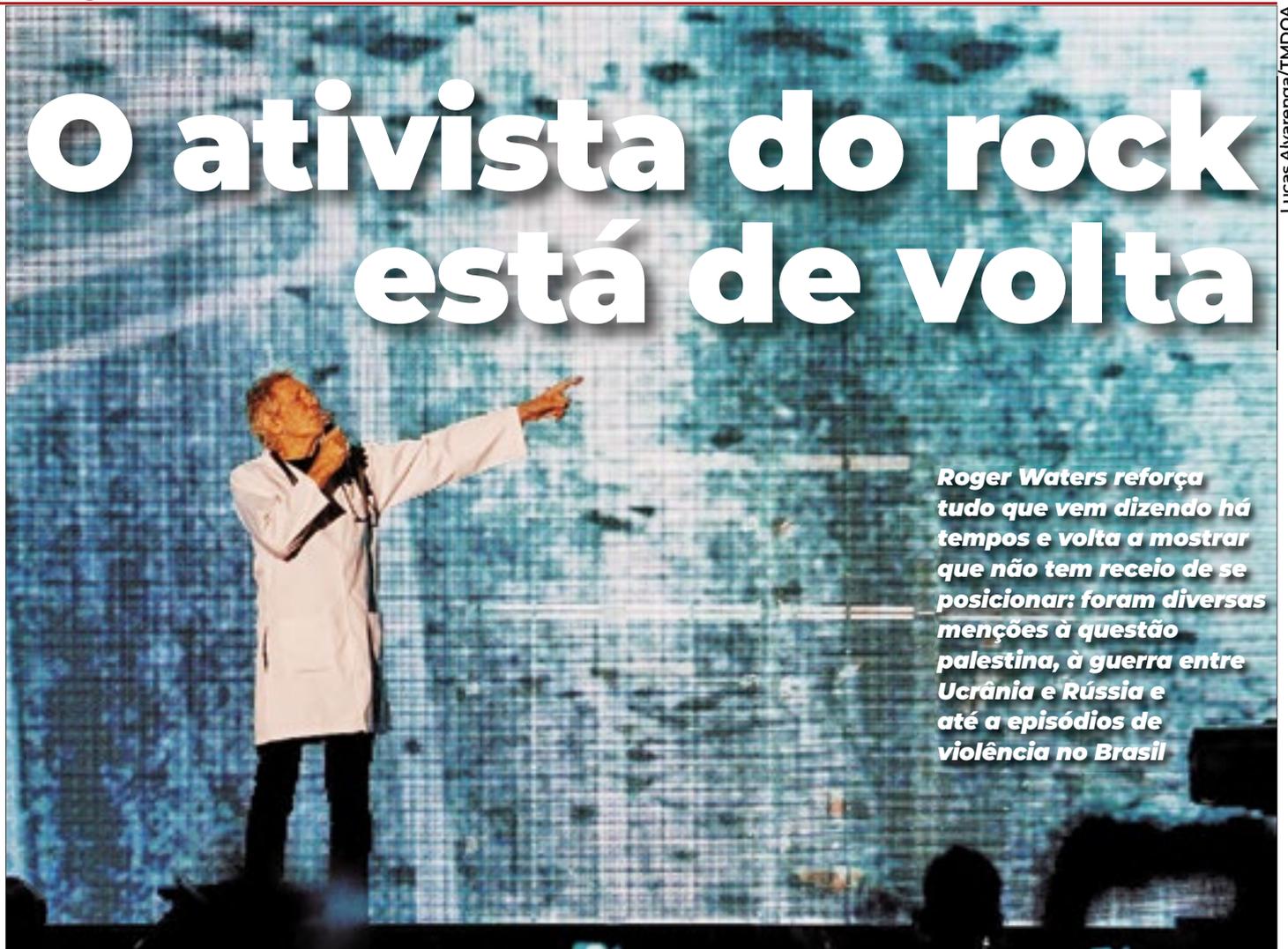
ram diversas menções à questão palestina, à guerra entre Ucrânia e Rússia e até a episódios de violência no Brasil

Waters é um músico que usa de sua visibilidade para pregar a paz e combater o autoritarismo e não pode dele esperar que mude essa concepção.

SERVIÇO

ROGER WATERS THIS IS NOT A DRILL Estádio Nilton Santos (Rua José dos Reis, 425 - Engenho de Dentro) 28/10, às 21h. Abertura dos portões às 17h Ingressos entre R\$ 260 e R\$ 1.495

O ativista do rock está de volta



Roger Waters reforça tudo que vem dizendo há tempos e volta a mostrar que não tem receio de se posicionar: foram diversas menções à questão palestina, à guerra entre Ucrânia e Rússia e até a episódios de violência no Brasil

CORREIO CULTURAL

Diogo Nogueira canta
15 anos de sucessos
e algumas novidades

Divulgação

As canções são cantadas em cinco idiomas nativos

Canções para afastar o medo em cartaz no CCBB

Como parte da programação cultural do mês das crianças, o CCBB Educativo-Lugares de Culturas convidou a QUINT Companhia para apresentar neste sábado (28), às 15h, no Teatro III do CCBB, a peça "Canções para afastar o medo - Contos e Acalantos Latino-Americanos". O espetáculo apresenta cantigas de ninar latino-a-

mericanas nas suas línguas de origem - guarani, mapuche, quechua, espanhol e nahuatl - cantadas por mães que vivem sob as diversas culturas do continente. Sua proposta é interativa e brincante.

O espetáculo recebeu sete indicações pelos Prêmios CBTIJ de Teatro para Infância 2022.

Lista de peso

Angela Bassett se juntou a Viola Davis, Morgan Freeman e Alcione na lista de convidados especiais do festival Libertatum Brasil, evento dedicado a dar destaque para a contribuição cultural de pessoas negras que acontece em Salvador entre 3 e 6 de novembro.

Pipoca murchou

A Globo não vai continuar com o Pipoca da Ivete em 2024. Atualmente no ar nas tardes de domingo, a emissora optou por extinguir atração. Com isso, o Domingo com Huck passará a ter duas partes, uma antes e depois dos jogos de futebol.

Cota de tela

O governador Cláudio Castro sancionou a lei 10.152/23 que estabelece a cota de tela com um número mínimo de exibições para filmes brasileiros nos cinemas de todo o estado. A sanção foi publicada em edição extra do Diário Oficial do Estado.

Stones futuristas

Keith Richards admitiu a possibilidade de apresentações dos Rolling Stones em forma de holograma. "Tenho quase certeza de que isso é inevitável. Se eu quero isso? Essa é outra questão", disse durante entrevista a um programa da rádio Apple Music.

Sambista é a atração deste sábado no palco do Qualistage

Diogo Nogueira apresenta neste sábado (28), às 22h, no Qualistage o show que vem rodando todo o Brasil e celebra seus 15 anos de carreira com surpresas no repertório e seus grandes sucessos.

Além de novas leituras para os sucessos de sua carreira como "Alma Boêmia", "Pé na Areia", "Alma Boêmia", "Clareou" e "Sou Eu", Diogo leva o samba de roda da Bahia ao palco, além de sucessos do cancioneiro popular brasileiro, indo de Arlindo Cruz a Chico Buarque, de Tim Maia a Zeca Pagodinho, tudo começa e acaba em samba!

O repertório do novo show de Diogo aproxima o público da diversidade dos estilos musicais e sonoridades brasileiras. O artista traz músicas de seus primeiros trabalhos como "Fé em Deus" e "Lua de um Poeta", além de reverenciar mestres da música brasileira com novos arranjos para "Espelho" (João Nogueira e Paulo Cesar Pinheiro), clássicos como "Do Leme ao Pontal" (Tim Maia) e "Primavera" (Cassiano e Silvio Rochael) imortalizadas pelo síndico Tim Maia, e as emblemáticas "Andança" (Danilo Caymmi, Paulinho Tapajós e Edmundo Souto) e "Aquele Abraço" (Gilberto Gil), entre outras. Também estão presentes canções como "Talismã" (Michael Sullivan e Paulo Massadas) e outras canções inéditas na voz do cantor.

O espetáculo reserva um momento emocionante: uma homenagem para Arlindo Cruz. Ela começa com uma breve citação que



Leo Aversa/Divulgação

Diogo Nogueira se apresenta com banda grandiosa

em seguida é envolta pela imagem do artista projetada, fazendo uma fusão entre Arlindo tocando e Diogo cantando "O Bem" (Arlindo e Delcio Luiz) e "O Meu Lugar" (Arlindo Cruz e Mauro Diniz), além de outros clássicos do compositor, como "Trilha do Amor" e "A Pureza da Flor".

Mas o setlist não é o único ponto forte do evento. Diogo traz de volta a dança. Sempre muito presente em seus shows, dentro e fora dos palcos, a dança será celebrada com a participação do balé da companhia de dança Leandro Azevedo – ator, dançarino, coreógrafo, professor e tricampeão da Super Dança dos Famosos ao lado de Paolla Oliveira.

A acompanhar Diogo uma grandiosa banda formada por 11 músicos: Rafael dos Anjos (violão e direção musical), Henrique Garcia (cavaquinho), Julio Florindo (baxo), Paulo Bonfim (bateria), Rafael Delgado (banjo e coro), Gabi D'paula (coro), Alisson Maninho, Wilsinho Baltazar, J. Chiclete e Marechal (percussão) e Fabiano Segalote (trombone).

SERVIÇO

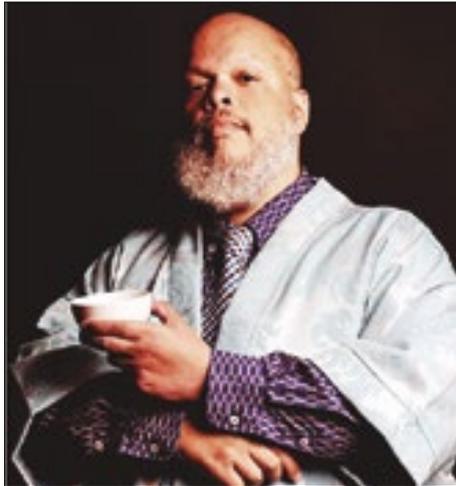
DIOGO NOGUEIRA
Qualistage (Via Parque Shopping: Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca)
28/10, às 22h
Ingressos a partir de R\$ 140

Rodrigo Simas/Divulgação



Ivan Lins

Jorge Bispo/Divulgação



Ed Motta

Leo Aversa / Divulgação



Frejat

Reprodução/Instagram



Luedji Luna

O jazz, esse som em constante movimento

Marina da Glória recebe neste fim de semana o Prio Blues & Jazz Festival

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

A música conhecida como jazz cresceu em Nova Orleans, nas décadas após a Emancipação, quando negros e crioulos fundaram clubes sociais com suas próprias bandas marciais. À medida que evoluiu, o jazz continuou a ser uma música de resistência precisamente porque era o som dos negros americanos construindo algo juntos, face à repressão.

Mas no fim da década de 1960, no momento em que os apelos ao Black Power motivavam os músicos a criarem as suas próprias editoras, locais e editoras discográficas, surgiu uma nova força: escolas e universidades dos EUA começaram a acolher o jazz como o chamado “clássico” da América, canonizando seus estilos mais antigos e efetivamente congelando-os no lugar.

Esta capacidade das artes perfor-

mativas africanas de transformar a tradição europeia de composição, ao mesmo tempo que assimila alguns dos seus elementos, é talvez a força evolutiva mais marcante e poderosa na história da música moderna. Os gêneros musicais que trazem as marcas dessa influência são uma legião. Vamos citar alguns: gospel, spirituals, soul, rap, músicas de menestréis, musicais da Broadway, ragtime, jazz, blues, R&B, rock, samba, reggae, salsa, cumbia, calypso, até mesmo alguma música operística e sinfônica contemporânea.

Nos últimos anos, o jazz em todo o mundo tem vivido um renascimento criativo. Cenas vibrantes em Chicago, Londres e Los Angeles levaram o gênero a novas direções criativas e reavivaram a música como vida noturna. É essa tradição evolutiva dos ritmos afrodescendentes que a primeira edição do Prio Blues & Jazz Festival chega à Marina da Glória, no Rio de Janeiro, nos dias 27, 28 e 29 de outubro, homenageando dois



Ana Cañas

gêneros pouco explorados no calendário de eventos culturais do Rio. Os artistas que compõem o line up prepararam shows exclusivos para este evento, dedicados ao blues e ao jazz. Cada um com seu estilo, eles interpretam hits suingados, resgatando referências que vão desde o jazz americano, passando pelo rock, soul, bossa nova, chegando até o blues.

Desde o primeiro tempo, está lá

Divulgação



Victor Biglione

o convite ao público a dançar e cantar junto em um dos cartões postais mais conhecidos da cidade. Na abertura do evento, dia 27, sobem ao palco Marina Lima, Orquestra Imperial, Ivan Lins, Frejat em Blues, Tuto Ferraz, Victor Biglione e Mário PC. Já no sábado, dia 28, é a vez de Paula Lima, Luedji Luna, Maria Gadú, Seu Jorge, Nuno Mindelis, Luiz Otávio e Flávio Guimarães. No domingo, dia 29, o encerramento fica a cargo de Céu, Ana Cañas, BNegão & Black Mantra, Sandra Sá, Ed Motta, André Mehamri, Ricardo Verocai e Marcos Suzano. Durante todos os dias, DJs e o grupo Afrojazz animam a Marina da Glória. A curadoria musical é assinada por Peck Mecenaz.

“Frejat vai estrear o show de blues que está montando especialmente para o Prio Blues & Jazz Festival. Maria Gadú e Ana Cañas vão fazer uma apresentação especial de jazz. Ivan Lins, que já se apresentou diversas vezes no festival de Montreux na Suíça, traz a turnê “A Gente Merece

Ser Feliz”. Também estão no lineup o grande artista dos gêneros Ed Motta; Sandra Sá, que têm o blues americano como referência; Paula Lima, artista de R&B; Luedji Luna, trazendo seu repertório com influência do jazz, entre outros. Além disso, teremos um palco repleto de artistas instrumentais dos dois gêneros”, comenta Peck Mecenaz, curador do festival.

“Cresci numa família muito musical. Passava os sábados na sala de casa ouvindo jazz junto com o meu pai apaixonado por música, na sua vitrola de madeira cheia de charme e som! Vários vinis incríveis eu vi, e ouvi. Cresci ouvindo Quincy Jones, Ella Fitzgerald, Tom Jobim, e muita gente bacana. Minha primeira lembrança na TV é a imagem de Sarah Vaughan com Simonal, em uma apresentação icônica. Eu devia ter uns 6 anos. Aos 7 comecei a estudar piano erudito. Isso fez com que eu sentisse que a música era próxima e possível. Depois todas essas referências misturei no meu caldeirao black musical. Tive também o prazer de assistir e conversar (um pouquinho) 3 vezes com BB King. Resumindo: sou apaixonada por jazz e blues que fazem parte das ramificações da minha árvore de black music. É um enorme prazer me apresentar no festival. Melhor, impossível. Oh sorte!”, celebra Paula Lima.

SERVIÇO

PRIO BLUES & JAZZ FESTIVAL
Marina da Glória (Av. Infante Dom Henrique, S/Nº - Glória)
De 27 a 29/10
Ingressos: R\$ 200 (lounge) e R\$ 100 (pista)

A velha roupa colorida de Silvero

Ator se veste de emoção e nordestinidade em show que celebra a obra do conterrâneo Belchior

Por Affonso Nunes

O elogiado espetáculo “Silvero Interpreta Belchior” volta ao Rio para duas noites nesta sexta e sábado (27 e 28) no Teatro Rival. O multiartista Silvero Pereira, cearense como o compositor homenageado, usa toda sua força interpretativa, adquirida e lapidada durante os anos dedicados ao teatro, para emocionar a plateia e despertar nela uma outra maneira de se ouvir a obra de Belchior, que tem poesia poderosa e é atemporal,

atravessando gerações.

A ideia de um show dedicado ao bardo cearense surgiu depois que o ator foi desafiado a interpretar a canção “Sujeito de Sorte” no programa Altas Horas (Globo). “Foi quando eu vesti a minha armadura nordestina que senti a força pra esse momento”, relembra o ator. A armadura era um casaco feito de retalhos, brilhos e mistura de tecidos assinado pelo estilista, também conterrâneo, Kalil Nepomuceno que agora o acompanha nos palcos.

Entre momentos divertidos, emocionantes e de introspecção,



No palco, Silvero não abre mão do casaco criado pelo estilista Kalil Nepomuceno

o roteiro conta com 15 músicas conhecidas do grande público, como “Sujeito de sorte”, “Como nossos pais”, “Alucinação”, “Medo de avião”, “A palo seco” e “Paralelas”. Silvero Pereira define assim o espetáculo: “este é um show cortante como faca, um corte profundo na alma. Aqui não estão canções suaves, corretas, mas, sim, palavras que

ecoam feito navalhas.

As canções são interpretadas por um conterrâneo de Belchior, um cearense de Mombaça, um menino latino-americano vindo do interior, um sujeito de sorte que driblou a fome e a sede por meio da arte. Apenas um ator, um cantor que dramatiza os versos e os atualiza em provocações do nosso tempo

no intuito de ‘amar e mudar as coisas’, como cantou Belchior”.

SERVIÇO

SILVERO INTERPRETA BELCHIOR

Teatro Rival (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia)
27 e 28, às 19h30

Ingressos entre R\$ 60 e R\$ 140

Desejo em forma de bala

Grupo volta ao Circo Voador nesta sexta com seu show contagiante

Embalado pela conquista do Grammy latino na categoria Melhor Álbum Pop em Português e rodar o país participando de vários festivais, o Bala Desejo se apresenta nesta sexta-feira (27), às 22h, no Circo Voador.

A força criativa de Dora Morenbaum, Julia Mestre, Lucas Nunes e Zé Ibarra nasceu como um projeto paralelo em suas carreiras, mas rendeu dezenas de shows no Brasil e no exterior. O grupo se joga com energia contagiante numa deliciosa mistura de samba, soul, frevo, reggae e pop,

bebendo da melhor tradição tropicalista.

A pandemia abalou a confiança de muitos artistas. Mas esses quatro jovens cantautores fizeram dela matéria-prima para um dos projetos mais interessantes da MPB nos últimos anos com um repertório que mescla o trabalho autoral de seus integrantes e adiciona deliciosas releituras de colegas de geração como Ana Frango Elétrico, Rubel e Tim Bernardes.

Amigos desde a época da escola, os quatro tocavam suas carreiras próprias: Dora integrava o grupo



Divulgação

O Bala Desejo surgiu como um projeto paralelo

vocal Zanzibar, Julia compunha músicas para seu trabalho solo, enquanto Zé e Lucas produziam o segundo álbum da banda Dônica, que integram com Tom Veloso, André Almeida e Rodrigo Parcias.

Os quatro, porém, começaram a chamar atenção após algumas participações nas lives temáticas

no Instagram da cantora Teresa Cristina. O projeto nasceu, rendeu um álbum carnavalesco muito bem recebido e já desponta no line up de festivais como o Coala Festival, Nômande Festival e o Rock in Rio.

As referências tropicalistas são notórias, mas o Bala vai além. “Nossa musicalidade foi cons-

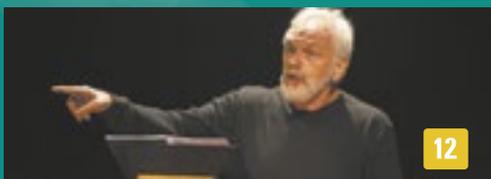
truída desde os tempos de escola. Estudamos juntos e crescemos ouvindo discos e compartilhando o que gostávamos. Cada um de nós é o que é hoje muito por conta dessa troca estabelecida desde então. A questão das referências setentistas vem menos por uma questão estética e mais por uma questão dessas entranhas musicais”, disse Zé Ibarra, em entrevista ao portal PopLine. “Vivemos em 2022 e nosso álbum, nossas letras e o debate que tentamos abordar no disco é do agora, só nos utilizamos de uma linguagem que amamos e da qual fazemos parte: a MPB”, arremata. (A. N.)

SERVIÇO

BALA DESEJO
Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa)
27/8, às 22h
Ingressos: de R\$ 70 (meia solidária) a R\$ 180

SESC^{RJ} PULSAR 2022/23

Confira a programação do
Edital Pulsar nas Unidades do
Sesc RJ e participe.



12

LITERATURA CAIM

Um olhar indiscreto sobre o início da humanidade sob o ponto de vista de Caim.

Sesc Tijuca | 27/10 | 14h



L

MÚSICA CANTO CEGO

Em comemoração aos dez anos da mesma formação, o grupo apresenta as músicas do novo álbum e destaques da carreira.

Sesc Barra Mansa | 27/10 | 19h



L

TEATRO ELZA SOARES PARA CRIANÇAS

O espetáculo apresenta a vida e a obra de Elza Soares por meio de uma fábula inspirada em trechos marcantes de sua biografia e de suas músicas.

Teatro Sesc Rosinha de Valença | 28/10 | 17h

Sesc Barra Mansa | 29/10 | 15h



L

TEATRO LUPITA

O espetáculo apresenta uma viagem pela memória de Lupita, onde o público torna-se cúmplice de suas lembranças entre presente e passado.

Sesc Campos | 29/10 | 16h



14

TEATRO CARALÂMPIAS

O espetáculo conta histórias de mulheres extraordinárias que criaram novas possibilidades de existência por intermédio da arte em um hospital psiquiátrico.

Sesc Copacabana | até 10/11 | quinta a domingo | 19h



12

TEATRO VISÕES

A peça apresenta quatro versões de uma mesma história, que retoma a lenda amazônica do boto.

Teatro Sesc Rosinha de Valença | 27/10 | 20h

Sesc Três Rios | 28/10 | 20h



L

CIRCO O MATUTO

Um misto de palhaço e mágico, o Matuto apresenta seu universo de encantamento por meio das surpresas que vão saindo da sua mala.

Sesc Duque de Caxias | 28/10 | 15h

Sesc São João de Meriti | 29/10 | 15h

Ingressos: consulte a bilheteria das Unidades
Programação sujeita à alteração sem aviso prévio.



Acesse o QR
Code e confira
a programação
completa das
unidades.



Banda toca canções de 'Jardineiros' neste sábado na Fundação Progresso

O Planet Hemp chega à Fundação Progresso com a turnê "Jardineiros" neste sábado (28). Primeiro projeto de inéditas após um hiato de 22 anos, o álbum recebeu duas indicações ao Grammy Latino 2023. O show da icônica banda reúne novas canções e antigos sucessos.

Apresentado ao público há um ano, o projeto ganhou versão com quatro inéditas, batizada de "Jardineiros: a Colheita", em agosto. Única banda brasileira com duas indicações ao Grammy Latino 2023, nas categorias "Melhor Interpretação Urbana em Língua Portuguesa" e "Melhor Álbum de Rock ou



Divulgação

O Planet Hemp volta à ativa com álbum lançado há um ano

PLANET HEMP colhe o que planta

de Música Alternativa em Língua Portuguesa", o Hemp concorre, na primeira, com a canção "Distopia", com participação de Criolo. Em

"Melhor Disco de Rock", a banda disputa com "Jardineiros", que arrebatou elogios da crítica especializada e de novos e antigos fãs.

Entre as novidades no repertório, a canção "Nunca Tenha Medo" foi escolhida como música de trabalho e conta com a partici-

pação de Posdnuos - integrante do trio de rap "De La Soul" - e produção assinada por Tropicillaz, Nave e Mario Caldato. A faixa apresenta toques do samba groove e destaca em sua letra a importância de resistir e nunca desistir, promovendo uma atmosfera motivadora, potencializada pelas citações e homenagens a nomes como Sabotage, Zumbi dos Palmares, Mussum e Mestre Jorge.

"Pra Ver as Cores do Mundo" e os remixes de "Onda Forte" - com a participação do rapper Kamau - e "Ainda", com versos inéditos de BNegão, completam as inéditas. "Não Vamos Desistir", "Ninguém Segura a Gente" e "Salve Kalunga", lançadas em julho, também integram a tracklist do novo álbum.

SERVIÇO

PLANET HEMP -
JARDINEIROS

Fundação Progresso (Rua dos Arcos, 24 - Lapa) | 28/10, às 21h30 | Ingressos entre R\$ 100 e R\$ 400

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Iere Ferreira/Divulgação



Dorina celebra

A sambista Dorina dá continuidade às comemorações pelos 30 anos de carreira, se apresentando neste sábado (28) no Centro da Música Carioca, na Tijuca. Entre as canções escolhidas para o repertório, composições de artistas como Johnny Alf, Djavan, Caetano Veloso, Ivan Lins, Vander Lee, Paulinho Moska, Serginho Meriti, Arlindo Cruz, Almir Guineto, Ceumar, Fátima Guedes, Nana Caymmi e Paulinho da Viola.

Divulgação



Bailão pra dançar

Compositor, arranjador e produtor, o instrumentista Leo Gandelman leva ao ao Manouche o Hali Gali Baile neste sábado (28) com o melhor da música mpb/pop, com muita bossa e swing, um convite pra dançar, pra ninguém ficar parado. Acompanhado por uma super banda, o saxofonista coloca um novo swing e sua experiência em temas dançantes de artistas como Gilberto Gil, Jorge Benjor, Tim Maia, Paralamas e Chico Buarque.

Reprodução Facebook



Maré & Paris

Com 15 integrantes entre 14 e 26 anos, a Camerata Uerê, formada a partir do Complexo da Maré, toca obras-primas de Bach, Vivaldi e Tchaikovsky junto com dois consagrados músicos franceses, o flautista Jean Ferrandis e o violoncelista Dominique de Willien-court, professores em duas das maiores escolas musicais de Paris, neste sábado (28), às 18h, no Consulado de Portugal, em Botafogo. Grátis

Divulgação



Pagode & resenha

Fãs de pagode têm encontro marcado com o cantor e compositor Guga Nandes neste domingo (29) no Galpão do Samba, no Engenho de Dentro. Um dos principais nomes da nova cena do segmento, Guga vai reunir um time de peso para apresentar o projeto "Ainda Bem Que É Pagode". No clima de resenha, ele faz um show divertido e alegre e recheado de convidados como Rosyl, Vou pro Sereno e Príncipe.

Essa família é muito grunge

Lucio Mauro Filho e filho revisitam clássicos do estilo nascido em Seattle

Lucio Mauro Filho, ator, diretor, roteirista e músico – atualmente no ar aos sábados no “Caldeirão do Mion” (Globo) comandando a banda Lucio Mauro & Filhos e recebendo estrelas da música brasileira no game musical “Sobe O Som” – volta ao Manouche nesta sexta-feira (27) ao lado de um dos seus maiores parceiros na música, o filho mais velho Antonio Bento, de 19 anos, o show acústico “A Grunge Família” em homenagem aos 30 anos do Grunge, movimento musical nascido em Seattle (EUA), misturando elementos do indie rock com o punk e o hardcore, revelando bandas icônicas como Nirvana, Pearl Jam e Soundgarden.

A música faz parte do dia-a-dia da família. Lucio aprendeu violão com sua mãe aos 11 anos de idade. Durante sua carreira, trabalhou com alguns dos maiores nomes da música brasileira como Evandro



Lucio Mauro e Antônio Bento: unidos pelo rock

Mesquita, Celso Fonseca, Bossa-CucaNova e Zé Ricardo, se apresentando nos palcos e na TV com artistas como Marcos Valle, Roberto Menescal, Paulo Ricardo, Teresa

Cristina e Ivete Sangalo. E também foi finalista da primeira edição do “PopStar”, quando o grande público conheceu seu lado musical.

Antonio Bento é beatlemania-

co desde a infância e foi influenciado pelo rock de Pink Floyd, Led Zepellin e Pearl Jam e também por Cazusa e Legião Urbana. Atualmente cursa o quarto período da fa-

culdade de música na Uni-Rio, com alguns dos maiores mestres do país. Agora se junta ao pai neste show celebrar os 30 anos do Grunge.

“Em 2020 eu estava preparando uma celebração dos 30 anos do movimento, quando o mundo parou por causa da pandemia. A data dizia respeito à explosão do gênero para o topo das paradas, amplificado no Brasil pela estreia da MTV no país, em 1990”, explica Lucio.

“A Grunge Família” tem em seus repertórios clássicos do gênero, como “Smells Like Teen Spirit”, “Alive”, e “Black Hole Sun”, homenagens aos artistas que influenciaram aquelas bandas e também de artistas brasileiros que foram influenciados pelo gênero como Titãs, Legião Urbana e Caetano Veloso, em versões acústicas, num dueto de voz e violão, à moda de Seattle.

SERVIÇO

A GRUNGE FAMÍLIA
Manouche (Rua Jardim Botânico, 983) | 27/10, às 21h | Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (levando um quilo de alimento não perecível ou livro para doação)

CRÍTICA / DISCO / LABIRINTO

Viva a música instrumental!

Por Aquiles Rique Reis*

Hoje falaremos de “Labirinto” (independente), primeiro álbum autoral do saxofonista, flautista, regente e compositor Fernando Trocado. Para gravá-lo, ele formou o Fernando Trocado Quarteto, integrado, além dele, por Natan Gomes (piano), Tony Botelho (baixo) e Mac Willian Caetano (bateria).

Sucedendo o belo momento erudito da intro, ouve-se “Simplicidade” (<https://youtu.be/BCKg-ns6q2g?si=YrJvNl3Gp-qZGP0Ad>), que vem com o sax. Imagética, a melodia tem musicalidade explícita. A bateria e o baixo se mostram parceiros e juntos dão vigor à faixa que abre a tampa. O improviso do sax investe no suave: soprando macio, vem leve. O piano assume o improviso. Discretos, mas

eficientes, baixo e bateria seguram a parada. E o suingue prossegue. É chegada a hora de o baixo assumir o proscênio e improvisar. Tudo é feito com o maior cuidado – a música assim pede e assim é. Volta o sax. O tema é delicado como a sonoridade do instrumento de Fernando Trocado. Excelente abertura de um trabalho que promete. A ver.

“Levitando” é um tema que embute o respeito e o agradecimento de Fernando a seu pai. O sax vem cálido e emotivo. Harmonicamente bem construída, a composição se encaixa à perfeição no bocal do instrumento. Dedilhando as notas, logo o piano se encarrega do improviso. O baixo pontua. A bateria leva o ritmo na



ponta fina das baquetas. O sax retoma o improviso e junto com o piano levam ao final.

Em “Labirinto”, a dissonância dá as caras desde a intro. Pela palheta do sax, o funk jazz rola energizado. O piano adere à festa de criar belezas. Os sopros de Trocado vêm em naipes, resultando em sonorida-

de compatível com a tempera do tema. Pianíssimo, tendo a bateria a acompanhá-lo, o piano improvisa e, como se diz, é “jazz puro”. O baixo saca o clima e também improvisa. A bateria vem com ele. Eita, som porreta!

O sax inicia “Os Atomistas” (https://youtu.be/_BaweUUIliE?si=yNUTkgeV7YbkCTCq), um tema jazzístico, cuja mudança de compasso, de quaternário para ternário, permite que a bateria ganhe alguns compassos para improvisar e revelar sabedoria. O sax ressurge arrasador. A bateria segue firme. O piano vem e adere ao som. Logo o sax leva o arranjo ao final.

“Resposta ao Tempo” é a única composição do CD que não é de

Fernando Trocado, e a canção de Cristovão Bastos soa definitiva pelo sax. Para quem conseguir senti-la, a letra de Aldir Blanc paira viva no ar. O piano traz à tona a harmonia. Bela! O sax improvisa sobre a melodia. Perfeita!

Fechando a tampa, o sax toca a intro de “Esperança”, uma habanera balanceada que só ela. Plenos de malemolência, os compassos se sucedem ao som do quarteto que desagua no improviso do piano. O suingue é poderoso. Volta o sax. É, eu vi!

Assim, o Fernando Trocado Quarteto brinda à música instrumental, gênero que, embora ainda não tão prestigiado quanto deveria, graças ao talento de seus instrumentistas, continua engrandecendo a nossa música...

*Vocalista do MPB4 e escritor

Paulo-Roberto Andel

'Professô'

Houve um tempo da minha vida em que dei aulas particulares. Uns dois anos mais ou menos. De Estatística.

Nunca me considerei um professor. Não tinha formação para aquilo, mas dominava bem o assunto e de modo a torná-lo acessível. Acabei fazendo sucesso no boca a boca e tive a ideia de cobrar barato por cabeça, para grupos de quatro ou cinco estudantes. Eles pagavam barato, eu ganhava mais. E me divertia com aquilo. As garotas da Psicologia me adoravam. A UERJ era o mundo, ainda é para quem sabe aproveitar.

Um belo dia, uma ex-professora minha, acostumada a estorricar os alunos dos outros institutos, se viu diante de um monte de notas boas. Descobriu que a turma estudou comigo.

“Pra que vocês estão pagando aula particular se no sexto andar tem monitoria de graça?”

“Eu pago porque a aula do Paulo é dez vezes melhor do que a da sua monitora, professora...”

Dias depois, a jovem mestra me encontrou toda sorridente na Matemática.

“Oi, Paulo! Fiquei sabendo que o pessoal da Psicologia andou estudando com você.”

“Claro, claro, tanto que você recomendou que eles não me pagassem aulas. Muito obrigado pela propaganda gratuita.”

(ela simplesmente não sabia onde enfiar a cara)

Mais outros dias, estou com minha crush no elevador e a professora surge de algum andar. Do nada, vem a seguinte pérola: “Não da bola pro Paulo não, ele é muito feio pra você.”

“Tá com ciúmes?”

(Ela não sabia onde enfiar a cara)

(Quando me deu aulas no

segundo período, cansou de dizer para a turma que eu era a cara do seu marido...).

Nunca mais a vi. Vai fazer trinta anos.

.....

Cheguei a um inacreditável índice de 95% dos alunos particulares. Aquilo dobrava a minha renda, mas cansava. Toma ônibus de um lado pro outro. Toma trem. Finalmente consegui um emprego decente \$ e resolvi parar. Me desmotivei com o mestrado sem bolsa também.

Meu último aluno era um rapaz esforçado, mas estava no terceiro período e não conseguia fazer as operações triviais de calculadora. Dei três aulas, não cobrei nada, senti que ali eu não venceria. Recomendei a ele que estudasse mais, abdicasse da prova e refizesse a disciplina. Ele não ficou feliz, mas fui sincero. Seria fácil tirar dinheiro de um jovem trabalhador, mas aos 24 anos eu já sabia que isso era inadmissível.

.....

A força da música é um negócio. Naquele tempo todo mundo ouvia Genesis ao vivo na rádio, superbanda que infelizmente acabou.

“The sound of your Voice calling...”

Tocava daquele jeito do mesmo tempo que acontece exatamente agora aqui no trabalho.

Lá se foram trinta anos. Trinta anos. Daquele tempo praticamente não há sobreviventes do convívio, no máximo um ou outro WhatsApp.

Melhor assim.

Nada de mexer em belas histórias.



A Batalha da Rua Maria Antônia

Cartografia paulistana

As dicas do que a maratona cinéfila de SP oferece de melhor em seu último fim de semana



Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Iniciada no dia 19, a Mostra de São Paulo encerra suas atividades no dia 1º de outubro, quando anuncia seus vencedores. Mas, até lá o evento promete uma série de atrações que se candidatam a cult. Confira a seguir o que há de imperdível.

DANCE PRIMEIRO, de James Marsh: Gabriel Byrne brilha neste retrato das facetas do escritor e dramaturgo irlandês Samuel Beckett (1906-1989): bon-vivant parisiense, combatente da resistência durante a Segunda Guerra Mundial, vencedor do Prêmio Nobel, marido infiel, homem recluso. Apesar de ser um artista aclamado mundialmente, Beckett era profundamente consciente das próprias falhas. Em crise após receber o Nobel de Literatura em 1969, ele passa a examinar a vida e as escolhas que fez. Foi o longa de encerramento do Festival de San Sebastián. Circuito: hoje (sexta), Kinoplex Itaim 2, 14h.

TOLOS SÃO OS OUTROS, de Tomasz Wasilewski: O rea-

lizador de “Estados Unidos do Amor” (2016) encara fantasmas do etarismo ao falar de uma paixão intergeracional. Nor agumento que escreveu e filmou, Marlena (Dorota Kolak), uma mulher de 62 anos de idade, e Tomasz (Lukasz Simlat), de 42, vivem felizes e isolados do mundo numa pequena cidade do litoral. Contra a vontade de Tomasz, Marlena permite que o filho, fruto de um relacionamento anterior e que está doente, vá morar com eles. Ressentimentos e questões do passado vêm à tona, e o casal precisará redefinir o amor, as escolhas e a vida. Circuito: hoje (sexta), Reserva Cultural 1, 15h.

JUVENTUDE (PRIMAVERA), de Wang Bing: O mestre



Divulgação SSIFF

O Sonho da Sultana

Divulgação

Uma Vida de Ouro

chinês da narrativa documental geográfica, consagrado com “A Oeste dos Trilhos” (2002), regressou à telona, via Cannes, ao disputar a Palma de Ouro com esta pérola. Sua bússola aponta para Zhili, cidade a 150 km de Xangai. Nesse local, dedicado ao trabalho têxtil, jovens à procura de emprego chegam de diversas áreas rurais para além do rio Yangtze. Eles têm cerca de 20 anos, dividem dormitórios e comem espalhados pelos corredores. Trabalham incansavelmente para um dia conseguir criar um filho, comprar uma casa ou montar a própria oficina. Entre eles, a amizade e os amores, falências e pressões familiares surgem e se desfazem de acordo com as estações do ano. Circuito: hoje (sex-

ta), às 19h10, Cine Satyros Bijou.

FRANGO PARA LINDA!, de Chiara Malta e Sébastien Laudenbach: Taí um aulão de roteiro que rendeu a sua dupla de realizadores os holofotes (e a laurea de Melhor Filme) do Festival de Annecy, na França. Na trama, cheia de reflexões multiculturais, a pequena Linda é injustamente punida pela mãe, Paulette, ao ser acusada de surrupiar um anel cheio de valor afetivo. Boladona com seu gesto, Paulette fará tudo o que estiver ao seu alcance para recompensar a garota. Até um frango com pimenta, apesar de não saber cozinhar. Paulette e a filha então partem em uma jornada por toda a vizinhança para encontrar o ingre-

diente; mas onde comprar frango durante uma greve geral? Circuito: amanhã (sábado), 13h30, no Espaço Itaú Bourbon Pompeia.

O SONHO DA SULTANA, de Isabel Herguera: Nascida em San Sebastián, no norte da Espanha, em 1961, e consagrada no cenário mundial do cinema de animação com os curtas “Bajo La Almohada” (2012) e “La Gallina Ciega” (2005), a diretora desta pérola feminista fez de sua terra natal o berço para sua estreia em longas-metragens. Sua direção de arte arrebatou o festival anual cidade, encantando representantes da crítica internacional e a classe artística. Saiu de lá com o Prêmio Irizar Basque. Seu tratado feminis-

ta parte de um conto sci-fi indiana de 1905 sobre uma nação utópica chamada Ladyland, onde as mulheres estão no Poder. Circuito: amanhã (sábado), 14h, Espaço Itaú Frei Caneca 5.

UMA VIDA DE OURO, de Boubacar Sangaré: Burkina Faso pede passagem na grade da Mostra em grande estilo. Preocupado com os efeitos da mineração sobre a vida de adolescentes que se entregam ao trabalho precocemente, o realizador deste .doc acompanha a rotina de um rapaz de 16 anos em uma mina de 100 metros onde ele se enfia, dia a dia, atrás do sonho de encontrar ouro. Circuito: amanhã (sábado), 16h, Circuito SPCine Olido.

A BATALHA DA RUA MARIA ANTÔNIA, de Vera Egito: O ganhador do troféu Redentor de Melhor Filme do Festival do Rio. Arma-se um teatro de máscaras na trama quando o líder estudantil Benjamin (Caio Horowicz, atômico em sua atuação) aparece no campus da Faculdade de Filosofia da USP para manter seus colegas fora das CNTPs. Ele agita sua turma e outras em meio a uma batalha em outubro do 68. Seus métodos são sedutores, mas, parecem desrespeitar códigos de ética e sentimentos. Benjamin encena um jogo de decapitações com seus companheiros de aula e incomoda, em especial, uma atormentada professora, Leda (Gabriela Carneiro da Cunha, espetacular). Circuito: domingo, Reserva Cultural 1, 17h40.



Divulgação

Tolos São Os Outros

Divulgação

Franco para Linda

Divulgação

Dance Primeiro



Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

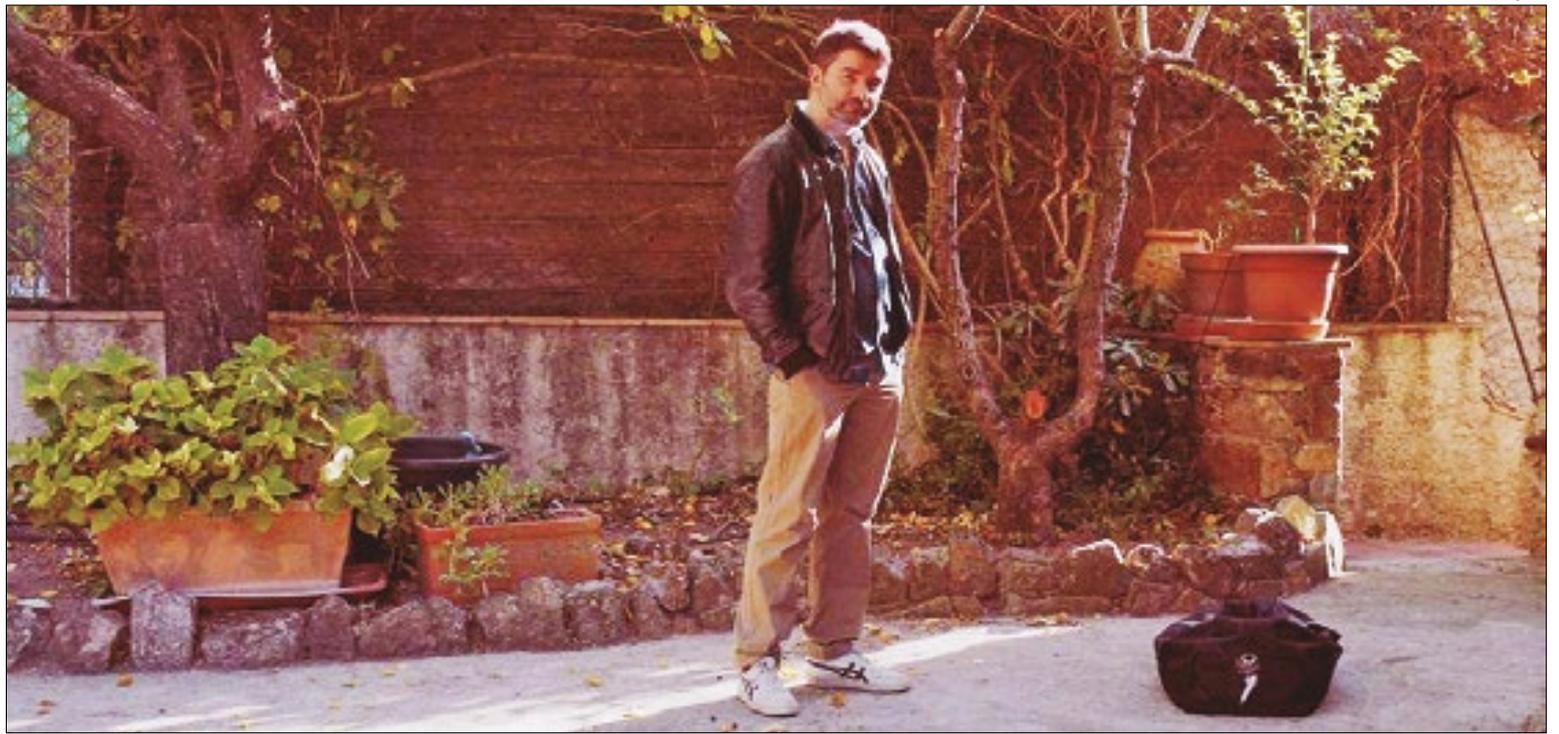
Incrustado no invejável cardápio da reta final da Mostra de São Paulo, iniciada no dia 19, com encerramento agendado para o dia 1º, um longa-metragem francês – com projeção nesta sexta-feira (27), às 18h, no Instituto Moreira Salles – se candidata a virar um ímã de lágrimas: “Bom Dia à Linguagem” (“Bonjour La Langue”).

Projetado em agosto no Festival de Locarno, na Suíça, o filme calou fundo no coração europeu não apenas pela beleza de seus diálogos, ao abordar a finitude, mas também por representar o canto do cisne de um realizador que sempre desafiou os códigos da autoralidade nas telas: Paul Vecchiali (1930-2023). Morreu em janeiro, aos 92 anos, deixando em seu legado lírico pérolas como “No Alto Das Escadas” (1983).

Seu trabalho memorável na direção foi contemplado, no Brasil, com uma retrospectiva, em 2017, na própria maratona paulistana que acolhe seu derradeiro longa para mais uma exibição na segunda (dia 30), às 22h, no Kinoplex Itaim 2.

Era praxe de Vecchiali dirigir, editar e produzir curtas e longas sempre centrados na fratura dos afetos. Em sua passagem por terras brasileiras, há seis anos, ele desfilava pela Av. Paulista usando um foulard da Hermès em seu pescoço. Trouxe na mala, à época, joias como “Réquiem Para Uma Mulher” (1979).

“O cinema se acostumou com um princípio muito cômodo de compreensão do que é ser um autor nas telas, que insiste na tese da repetição de sintomas autorais, de marcas. Discordo disso, pois acredito que uma voz autoral pode ser medida por uma só sequência. Se, num conjunto rápido de cenas, um cineasta for capaz de expressar sua inquietude frente à vida e abrir suas



‘Bom Dia à Linguagem’ começou sua carreira em Locarno

Um adeus a Paul Vecchiali

Realizador francês que desafiou estatuto da autoralidade nas telas ganha réquiem na maratona cinéfila paulista



Divulgação

Paul Vecchiali fez do afeto a bússola de seus filmes a partir de sua estreia na direção, em 1961, operando também como montador e ator

entranhas, sua assinatura estética mais particular estará assegurada. Autor é quem fabrica uma imagem – por vezes, uma só imagem basta – capaz de se candidatar a uma me-

tonímia de nossa experiência sensível”, afirmou Vecchiali.

“Bom dia à Linguagem” traz o realizador também diante das câmeras, num enredo centrado na

-Luc Godard e outros mestres.

Foram exibidos 14 filmes de Vecchiali na Mostra de 2017, incluindo “Os 7 Desertores”, cujo roteiro arrancou elogios de críticos nas mais variadas línguas. Entre seus trabalhos de maior prestígio, destaca-se “Uma Vez Mais”, um drama LGBTQIAP+ indicado ao Leão de Ouro em 1998. A trama ficou famosa na Europa por seu pioneirismo em abordar a Aids.

“O cinema em que acredito depende essencialmente da minha presença na ilha de edição, no manuseio dos fotogramas, manipulando cada detalhe da lapidação de minhas ideias e de meus sentimentos como se eu esculpisse, no tempo da imagem, o tempo da vida”, disse Vecchiali. “A entrada no processo de edição emancipava meu olhar de vicissitudes que vinham dos sets”.

Falando em marcos do cinema francês... a Mostra de SP promete mais duas sessões do longa que virou sensação em Paris sob o endosso da conquista da Palma de Ouro de 2023: “Anatomia de uma Queda” (“Anatomie d’Une Chute”), de Justine Triet. Tem projeção dele na terça, às 19h10, no Espaço Itaú Augusta 1, e no dia 1º, às 20h45, no Espaço Itaú Bourbon Pompéia. Na trama, uma escritora (Sandra Hüller) tem sua vida devassada nos tribunais sob a acusação de ter assassinado o marido.

reciclagem dos sentimentos. Na trama, um homem alquebrado por angústias de seu passado, Jean-Luc (Pascal Cervo), toma uma decisão, quase por impulso, que poderá mudar sua vida: quando seu trem faz uma parada na estação Dranguignan, ele resolve desembarcar e fazer uma visita ao pai (o próprio Vecchiali), que não vê há mais de seis anos.

“Acredito que cada plano rodado com paixão e inteligência estimula a gênese de outro, numa sequência em cadeia, de construção de um discurso livre”, diz Vecchiali, que rodou cults como “Mulheres, Mulheres” (1974) sem passar pelo núcleo de vozes criativas da Nouvelle Vague, o movimento moderno do cinema francês do qual fizeram parte Agnès Varda, François Truffaut, Claude Chabrol, Jean-

Mostra de cinema pilotada por Luiz Carlos Lacerda e documentário sobre Nelson Pereira dos Santos relembram a relevância da cidade para o audiovisual brasileiro

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Localizada a cerca de quatro horas do Rio, pelas BRs 101 e 116, Paraty fica longe de São Paulo mais ou menos o mesmo tempo (segundo sites de orientação geográfica), sendo que, neste fim de semana, as duas cidades estão mobilizando suas populações – e visitantes – com festivais de cinema. Sampa tem a Mostra Internacional de São Paulo, em sua edição de nº 47, que vai até o dia 1º, e, até o dia 29, Paraty será alumbrada, em seu Centro Histórico, com uma seleção de títulos selecionadas pelo realizador Luiz Carlos Lacerda, o Bigode (do premiado “For All – O Trampolim da Vitória”).

Mas há uma interseção histórica curiosa. Na próxima terça, dia 31, às 16h10, a sala 2 do Kinoplex Itaim, em terras paulistas, exhibe o elegante documentário “Nelson Pereira dos Santos – Vida de Cinema”, de Aída Marques e Ivelise Ferreira, centrado nas peripécias criativas do realizador de “Vidas Secas” (1963). Entre as imagens que integram esse ensaio sobre a saudade do diretor e imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL), encontra-se uma referência ao período no qual ele transformou Paraty num polo audiovisual, na



Divulgação

‘Como Era Gostoso o Meu Francês’ foi rodado em Paraty

Paraty, a Hollywood do desbunde



Divulgação

Luiz Carlos Lacerda em cena em ‘Um Asylo Muito Louco’

década de 1970.

De lá saíram pérolas como “Azyllo Muito Louco” (indicado à Palma de Ouro de Cannes em 1970), que o evento paratiense exhibe neste sábado (28), às 19h.

“Além da importância que a gente já sabe sobre a obra de Nelson Pereira dos Santos, com seus filmes narrativos, de tinturas neorealistas, a filmografia dele nos surpreende por filmes com uma narrativa completamente diferente nessa safra chamada ‘Fase de Paraty’ ou ‘Fase do autoexílio’”, diz Aída. “Nelson chamou essa fase de ‘autoexílio’ porque era muito difícil chegar em Paraty, naquela época. Tinha que pegar barco até Mangaratiba. Era um lugar completamente isolado e essa movimentação aconteceu justamente na época dura da dita-

dura militar. A gente encontra aí um novo Nelson Pereira, que nos deixa bastante curiosos e surpresos, porque ele abandona toda a sua trajetória de filme narrativo, seja com tinturas neorealistas, como a gente vê em ‘Rio 40 graus’, seja com uma decupagem clássica, bem rigorosa, como a gente encontra no ‘Boca de Ouro’. A gente aí vai encontrar na fase de Paraty uma narrativa muito mais livre, com uma continuidade solta, com novos significados e com também um significado muito mais metafórico do que um significado direto”.

Outros mestres filmaram lá, como aponta a seleção arquitetada por Bigode para a Mostra de Cinema de Paraty: nesta sexta-feira (27), às 17h, será exibido o cult “Brasil, Ano 2000”, de Wal-

ter Lima Júnior, e, às 19h, tem “A Bela Palomera”, de Ruy Guerra. Às 21h, rola “O Princípio do Prazer”, do próprio Bigode, que foi assistente de direção de Nelson e atuou em “Azyllo Muito Louco”.

“Paraty significou o que classifiquei de ‘nosso doce exílio’. A época era de uma repressão violenta e, pelo isolamento daquela bela cidade, que não tinha estrada nem nada no fim dos anos 1960, a gente pôde ficar lá fazendo filmes. Entre um filme e outro, a gente morava lá”, diz Bigode. “Quando acabou a filmagem de ‘Como Era Gostoso o Meu Francês’, Nelson me entregou umas latas que sobraram e me disse para eu ir fazer o meu primeiro longa como realizador, depois de um trabalho como assistente dele. A Leila Diniz, que trabalhou lá conosco, fez o ‘Mãos Vazias’, o meu filme de estreia lá”.

Para o domingo, Bigode selecionou os curtas “O Sereno Desespero”, “O Acendedor de Lampiões”, “Paraty Mistérios”, para uma sessão às 17h. Na sequência, às 19h, passa “Mãos Vazias”.

“Paraty tinha uma atmosfera de liberdade incrível, como se a gente não tivesse na ditadura e teve a adesão da cidade inteira, a população”, conta Bigode. “Até a autoridade militar, que era o Capitão Frutuoso, que ficou muito amigo de Leila, era uma pessoa que nos dava todo o apoio. Isso ocorreu na era do desbunde, onde tudo era uma experimentação, o que possibilitou e sedimentou um caminho novo de fazer cinema na minha vida. Foi uma forma que o Nelson me passou de fazer um cinema de resistência. A gente não tinha dinheiro, não tinha quase nada, então era na base do ‘vamos trabalhar para fazer filme, mesmo sem dinheiro, sem salário, sem nada’. Era uma forma de a gente viver a possibilidade de criar artisticamente de forma livre. Nelson foi uma figura fundamental. Com ele eu aprendi que ‘só não filma quem não quer’. Isso passou a ser uma espécie de lema na minha vida”.

Nomes de destaque da literatura brasileira desembarcam na cidade mineira para a 4ª edição da Fliti

Por Leida Reis
Especial para o Correio da Manhã

Uma programação mais abrangente, com nomes de destaque da literatura brasileira, contribui para consagrar a Festa Literária de Tiradentes (Fliti), que em sua quarta edição homenageia o centenário de nascimento do escritor mineiro, ganhador dos prêmios Jabuti e Machado de Assis, Fernando Sabino. A ideia surgiu de um “Encontro Marcado” – alusão a um dos livros mais conhecidos do autor – da produtora da Fliti, Cristina Figueiredo, com o filho de Fernando, Bernardo Sabino.

Os escritores Ruy Castro, membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), e Heloisa Seixas dividem a mesa “Corações e mentes” neste sábado, às 17h, com mediação de Cristiane Costa, para falar da convivência e da dualidade ficção e não ficção. “Ruy Castro e eu temos uma convivência de 33 anos, o que, sendo ambos escritores, permite uma troca muito rica. Ainda mais porque ele é um homem da informação que escreve principalmente não ficção, e eu, ao contrário, sou romancista”. Ruy retorna domingo pela manhã para falar de “A Vida por Escrito”, com Tom Cardoso e Karla Monteiro.

Sobre a importância dos eventos literários, Ruy Castro considera que o contato direto de autores com os leitores humaniza a produção literária. “Mas de nada adiantará se não houver investimento maciço na educação, pagando melhor



Valeria Motta e Mary Del Priori em uma das mesas de debate

Encontros marcados em Tiradentes



Rosana Mont'Alverne espera um público expressivo no fim de semana

os professores e lhes permitindo tornar a literatura interessante para os alunos. Do jeito que tem sido, eles próprios, os professores, têm pouco acesso a livros. Os livros no Brasil não são caros, o Brasil é que é pobre. Quando se cuida da educação, a cultura cuida de si mesma”, afirmou. Heloisa lembra que desde a criação da Flip (Festa Literária de Paraty), no Rio, eventos em cidades



Bruno Thys aprecia o encontro com os leitores

pequenas, “turísticas e charmosas”, como Tiradentes, atraem pessoas que antes talvez não estivessem expostas ao livro e à leitura.

Um dos destaques do primeiro dia da Fliti foi a historiadora e escritora Mary Del Priore, com a palestra “De Xica da Silva a Tarsila: mulheres de uma nação”. Mary contou a história da artista plástica Tarsila do Amaral, sua criação católica

rigorosa, a ida para a Europa, sua relação com Oswald de Andrade, uma vida “doce-amarga”, como está no título do seu livro. Mary também tem divulgado seu curso sobre sexualidade feminina, que para ela é social e culturalmente construída. “Vemos que a palavra ‘orgasmo’ só apareceu na imprensa na década de 80, depois da segunda revolução feminista”, afirma. Uma sexualidade

plena e feliz, para ela, pode ser vivida tanto por uma mulher emancipada num círculo urbano, como por uma que vive no pudor e no recato. “O importante é que todas elas o façam com respeito a si próprias, isso é fundamental”, defende.

A Fliti acontece em quatro espaços. As tendas dos debates principais e a feira de livros, com 35 estandes, estão na Praça da Rodoviária, e há programação complementar em outros três espaços, incluindo um ônibus-biblioteca no Largo das Mercês. Um dos expositores, Bruno Thys, da Editora Máquina de Livros, avalia que as feiras já estão entre os principais canais de venda. “Para mim, o mais legal, como editor, é estar com o leitor”. A editora Rosana Mont'Alverne, da Aletria, diretora da Liga Brasileira de Editoras, participou de todas as edições da Fliti e acredita num público expressivo no final de semana. E este é o primeiro evento da Literíssima Editora, novo nome da Páginas Editora, que já participou de edições da Flip, da Fliti e outras feiras.

No escurinho do cinema

Performance 'Cinema Orly' sai do Gláucio Gill para curta temporada no Teatro Dulcina

Thais Grechi/Divulgação

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Durante décadas, determinados cinemas eram uma forma de fugazes encontros sexuais. Ao invés de drops de anis, o que se via era sexo oral, masturbação, pegação de todo tipo. Foi esse clima, frenético, abundante, decepcionante e árido que Luiz Capucho escreveu Cinema Orly, ali na Cinelândia.

A performance "Cinema Orly", com direção de Diogo Liberano, é baseada no livro homônimo de Luís Capucho. A trama acompanha um homem atravessado por vozes e imagens vividas nesse ambiente, frequentado por figuras socialmente marginalizadas, alvo de preconceitos e caricaturas. Homossexuais, bissexuais, travestis, transgêneros e quem mais não se identificava



Em 'Cinema Orly', Teo Pasquini coloca em tensão desejos e morais de um homem gay além das normas que tentam enquadrá-lo

com as formas normatizadas de gênero e sexo encontraram um refúgio no Cinema Orly, que

exibia filmes pornográficos diariamente.

Com dramaturgia de Gusta-

vo Colombini e atuação de Teo Pasquini, a performance estreou em 5 de outubro no Teatro Glau-

cio Gill e segue em cartaz até esta sexta-feira (27), com sessões às quintas e sextas-feiras, sempre às 20h. De 2 a 5 de novembro, de quinta a domingo, as apresentações passam para o Teatro Dulcina (no mesmo edifício que abriga o Orly em seu subsolo).

"Na performance, o ator Teo Pasquini coloca em tensão desejos e morais, experiências de amor e sexo, mesclando biografias e ficções para celebrar a vida de um homem gay para além de qualquer norma que tentaria enquadrá-la", define o criativo e premiado diretor Diogo Liberano.

SERVIÇO

CINEMA ORLY

Teatro Dulcina (Rua Alcindo Guanabara, 17 - Cinelândia)

De 2 a 5/11, quinta e sexta (19h), sábado (15h* e 19h) e domingo (15h* e 18h).

*Sessões acessíveis em Libras
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

CRÍTICA / TEATRO / VIOLETA

Clayton Leite/Divulgação

A vida não é cor de rosa

Laureado com o Nobel de Literatura de 2022, o escritor norueguês Jon Fosse, nascido em 1959 em Haugesund, cresceu no oeste da Noruega, em um pequeno sítio em Strandebarm. Começou a escrever poemas e histórias aos 12 anos e disse que achava que escrever era uma forma de fuga. "Criei o meu próprio espaço no mundo, um lugar onde me senti seguro", disse ele ao The Guardian em 2014.

Quando jovem, ele foi comunista e anarquista e estudou literatura comparada na Universidade de Bergen. Fosse escreve em Nynorsk,

uma língua minoritária, em vez de Bokmål, a língua norueguesa mais amplamente usada na literatura. Embora alguns tenham interpretado o uso do Nynorsk como uma declaração política, Fosse disse que é simplesmente a linguagem com a qual ele cresceu.

Escritor prolífico que publicou cerca de 40 peças, bem como romances, poesias, ensaios, livros infantis e obras de tradução, Fosse é há muito reverenciado pela sua linguagem livre e transcendente e pela sua experimentação formal.

Numa conferência de impren-



'Violeta' se passa no porão de uma fábrica abandonada ocupada por uma banda de jovens

sa na quinta-feira, Anders Olsson, presidente do comitê do Nobel de Literatura, elogiou "a linguagem sensível de Fosse, que investiga os

limites das palavras". A obra de Fosse foi traduzida para cerca de 50 idiomas e ele está entre os dramaturgos vivos mais representados do

mundo, embora pouco interpretado no Brasil. Mas só recentemente ele encontrou grande aclamação no mundo da língua inglesa.

A atual encenação de "Violeta" pelo grupo Teatro Número Três adiciona elementos cênicos ao texto original que mostra um grupo de jovens se encontra para um ensaio de sua banda musical. Ao optar por atrizes marca o que caracteriza a obra do autor: utilizar situações cotidianas, em poucas palavras, frases curtas para expor conflitos das almas. (C. C.)

SERVIÇO

VIOLETA

Teatro Dulcina (Rua Alcindo Guanabara, 17 - Cinelândia)

Até 29/10, sexta e sábado (19h) e domingo (18h)

Ingressos: R\$ 20 e R\$ 10 (meia)



Fotos Sandra Moraes/Divulgação



Exposição individual de Raimundo Rodriguez faz um recorte da carreira do artista visual com trabalhos produzidos entre 2011 e 2023

Raimundo Rodriguez apresenta seu “Labirinto Particular” no Sesc Copacabana

É em seu ateliê, com mais de mil metros quadrados, localizado em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, que o artista visual cearense Raimundo Rodriguez passa cerca de 12 horas por dia dando novos significados a materiais encontrados. Latas de tinta, retalhos de tecidos, vidros vazios de perfume, sobras de madeira, fotografias, brinquedos e bilhetes antigos, nada escapa ao seu olhar minucioso, que devolve os objetos ao mundo em forma de arte.

Todos os detalhes desse processo artístico tão pessoal chamaram a atenção da curadora Sonia Salcedo del Castillo, que selecionou um pequeno recorte das quatro décadas de trabalho do artista para a exposição “Labirinto Particular” na Galeria Sesc Copacabana. A mostra reúne cerca de 20 obras entre esculturas, instalações, assemblages, pinturas e painéis de sete séries produzidas pelo artista no período de 2011 a 2023.

“Essa exposição é realmente parte da minha história, da minha memória e dos meus sentimentos. Meu ateliê é um labirinto, com todo o tipo de material que pode existir. Meus trabalhos não têm fim. Volto, revisito, estão sempre em movimento”, conta o artista visual. A grande inspiração de Raimundo vem da arte popular brasileira, do neodadaísmo, dadaísmo, neorealismo e da pop art.

Numa montagem enxuta, a primeira série que o público vai conferir é “Heróis e Vilões”.



Totalmente em preto e branco, os trabalhos são interferências de seres abissais feitas pelo artista em plotter de histórias em quadrinho guardados desde 2011. A série “#papelaria-

Buscando novos significados

temtudo” é uma espécie de diário, com todo o tipo de papel que faz parte da vida de Raimundo, de rabiscos e anotações de reuniões a fotos antigas e recados de alunos.

“Acredito na sacralidade dos objetos. Tenho todo tipo de papel que um acumulador guarda e não me permito perder nada. Tudo isso é parte do meu trabalho, da minha história”, conta Rodriguez. “Cubos Latifúndios” e “Esculturas Planas”, feitas de tampas de latas de tintas, são objetos que estarão expostos sobre mesas para, intencionalmente, serem manipulados pelos visitantes, numa clara alusão à obra “Bichos”, de Ligia Clark.

Com mais de 2 metros, a instalação da série “Coisário” traz elementos encontrados nas ruas ou doados por amigos e parentes, como embalagens, brinquedos e tampas de garrafas, entre outros. “Ao mesmo tempo que nos deparamos com objetos oriundos de extremo acúmulo de materiais, vislumbramos outros de simplicidade extraordinária. Na produção de Raimundo há uma verve pop

que corre junto com a outra minimalista”, explica a curadora.

Até mesmo vidros alvejados por tiros ou pedras, recolhidos na estação de trem de Deodoro, e expostos por anos ao tempo, ganham espaço na série inédita “Fé Inabalável”. Já “Latifúndios”, a série mais antiga do artista, é toda feita por latas de tintas usadas por Raimundo em suas pinturas de murais de rua, na década de 1990. O material também serviu para compor todo o cenário da novela “Pedacinho de Chão” (2016), da TV Globo. “Nunca paro. Sempre estou descobrindo novidades neste trabalho. Com as sobras vou cortando, fazendo coisas menores, detalhes”, resume o artista.

SERVIÇO

LABIRINTO PARTICULAR

Galeria do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160).

De 28/10 a 28/1/23, de terça a domingo (10h às 19h). Grátis

Vou contar *uns* segredos

Vou contar segredos de liquidificador sobre a Cidade Maravilhosa. Pois é, ela é cheia de cantos de encantos mil e mistérios. Histórias incríveis e lugares, cujo relato, é de tirar o fôlego.

As confidências começam numa área que foi palco para a tortura de um conjurado ilustre: Joaquim José da Silva Xavier – Tiradentes.

Ali, na praça que leva seu nome está o Teatro João Caetano – dizem assombrado e amaldiçoado, pois as pedras de suas fundações estavam destinadas à construção da Catedral do Largo de São Francisco de Paula. Nele, no foyer do segundo pavimento há, nada mais nada menos que dois painéis pintados por Di Cavalcanti. ‘Carnaval’ e ‘Samba’ estão lá ornando as paredes.

O centro do Rio é recheado desses painéis. Por Di há outros cinco – quatro ‘de fato’ e um em fotografia, no Centro Cultural da Light na antiga rua Larga. Conhecidos como Composição Rio foram encomendados, ao autor, por Samuel Wainer, cujo objetivo era ornar a redação do jornal Última Hora em uma homenagem à imprensa.

Nos mesmos arredores, na avenida Passos, duas igrejas chamam atenção: Nossa Senhora da Lampadosa — originalmente Alampadosa — e Santíssimo Sacramento da Antiga Sé. A primeira marcou a história por ter sido, diante de sua fachada, que Tiradentes fez suas últimas orações antes de ser enforcado. No piso da entrada podem se ler inscrições sobre o fato. A segunda tem, na parte traseira um ressalto no piso. Esta protuberância deixava que os seres humanos escravizados, de baixa estatura, pudessem assistir às missas, de pé, seguidos, também de pé, por aqueles cuja altura fosse maior. Nela igualmente, além de muitos simbolismos, se encontra a pia batismal mais antiga da cidade. A avenida guarda ainda outras relíquias como a Casa Franklin, a Federação Espírita Brasileira, diversos sebos e as, agora, ruínas do Hotel Paris.

Caminhando um pouco mais, vê-se os painéis, na zona portuária, do Kobra que se estendem pelos muros do velho cais do porto.

Isso tudo em um pequeno passeio pelo centro da cidade, onde fica exatamente, a Câmara de Vereadores, o Palácio Pedro Ernesto,

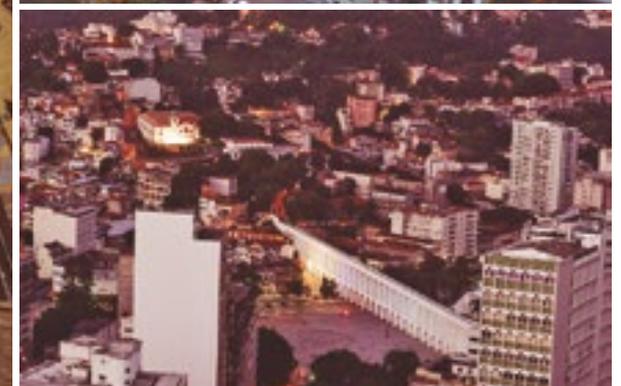
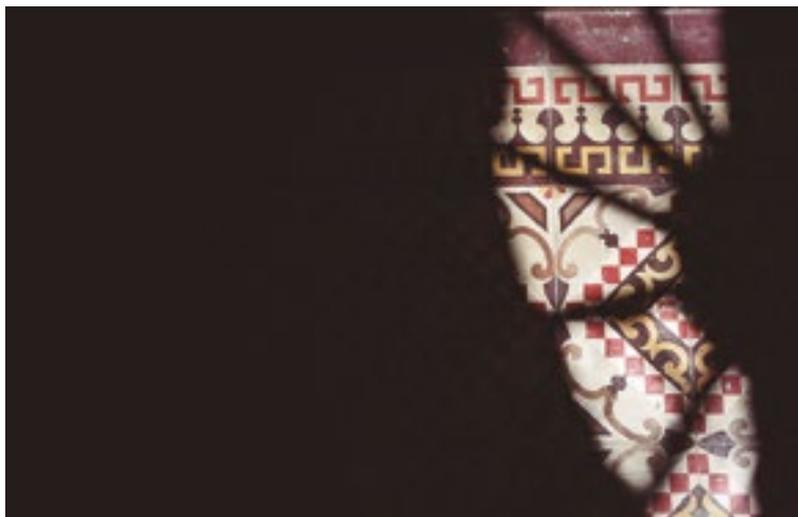
também conhecido como ‘Gaiola de Ouro’ em função do valor gasto em sua construção; 23 mil contos de réis. Exatamente o dobro do investido na obra do Theatro Municipal. Também o dizem assombrado por ter sido erguido sobre os escombros do que dantes foi

o cemitério de um convento que ali ficava.

São muitos os segredos desta cidade encantadora e misteriosa, para lá de mil, que precisaria de inúmeras crônicas para tais confidências. Essas poucas, aqui confidenciais, ficam praticamente juntas.

Acredito que este prédio, Palácio Pedro Ernesto, todos conheçam e saibam bem onde fica localizado, mas, será que são sabedores do que pode ser encontrado na mesma praça? Fica a dica: são seis.

Cartas para a redação.



Por Natasha Sobrinho

(@restaurants_to_love)

Especial para o Correio da Manhã

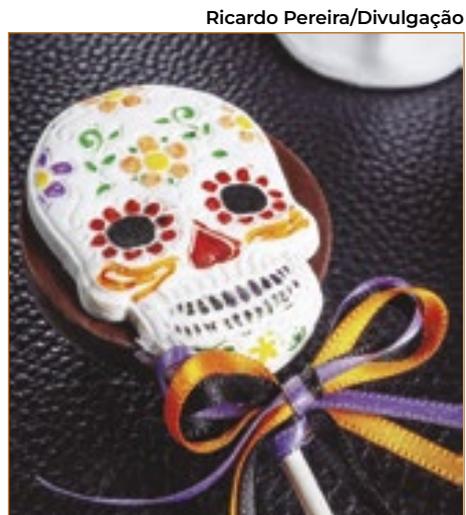
Para entrar no clima de Dia das Bruxas, celebrado dia 31 de outubro, e deixar a comemoração ainda mais gostosa, o Correio da Manhã preparou uma lista com oito comidinhas – “bizarras” e criativas - desenvolvidas especialmente para o Halloween. Confira abaixo:

Bonifácio e Berenice - O bar mais pet friendly do Rio preparou gostosuras e travessuras especiais para tutores e pets curtirem o Halloween juntos. A partir do dia hoje, quem for à casa, encontrará o drink Sparky (R\$ 34), inspirado no personagem do filme Frankenweenie, de Tim Burton, feito com gin, suco de limão, soda de jabuticaba e espuma de gengibre, além de dois petiscos na minimoranga: o camarão gratinado e a carne seca com gorgonzola, ambos com crispy de couve (R\$ 34 cada). Para os cachorros, um menu especial com três opções com proteína bovina, suína e frango: Dona Bruxinha, Fantasmilha Camarada e Vampiresco (R\$ 15 cada). O menu temático fica disponível até o dia 5. Rua Rainha Guilhermina, 95 – Leblon. Tel: (21) 99910-2021.

Creamy Patisserie - Para celebrar o Halloween a marca apresenta o bolo de pote em nova embalagem, na versão chocolate Birthday Cake (R\$ 26). O bolo remete à infância, feito de chocolate belga 100%, buttercream de baunilha, crumble de chocolate crocante e para finalizar, granulados coloridinhos em cima, para deixar a data mais divertida e saborosa! Encomendas: (21) 97504-0783 ou iFood.

Da Tháбата - Disponível até 31 de outubro, a cobiçada tarta basca ganha sabor inédito de abóbora com baunilha. A novidade pode ser consumida em fatia (R\$ 27) ou encomendada (R\$ 154 P/R\$ 259 G). Rua Marquês de São Vicente, 52 - Shopping da Gávea - 3º piso. Tel: (21) 97497-1991.

Dark Coffee - A cafeteria lança produtos especiais para o Halloween. É uma série exclusiva com bolos e doces disponíveis nas lojas até 12 de novembro. Entre doces e travessuras, há o R.I.P Dark Cake (R\$ 23 - fatia), feito de massa de café com cacau black, brigadeiro de chocolate com café e corante preto, ganache de chocolate com café e corante preto, lápides de chocolate branco com corante preto, ossinhos de chocolate branco,



Louzieh Doces



Que Doce



Bonifácio & Berenice

Travessuras ou gostosuras?

Veja um roteiro cheio de docuras preparado pelas casas para o Halloween



Da Tháбата



Gato Café



Nolita



Creamy



Dark Cake

farelo de biscoito Negresco e sangue comestível. Rua São Bento, 29, Lj A - Edifício Porto Brasilis - Centro. Tel: (21) 2516-0370.

Louzieh Doces - A confeitaria deu nova roupagem aos famosos doces da loja. Dessa vez, múmias, bruxas e cobras ganham sabores de Nozes, Ninho com Nutella e Ovomaltine, respectivamente (R\$ 8,50 a unidade). Já a caveira mexicana decora o pirulito de chocolate belga (R\$ 30 a unidade) e os biscoitos de canela e limão siciliano vêm acompanhados por cookies de aranhas, morcegos e abóboras (R\$ 45 - aprox. 200g). Rua Visconde de Pirajá, 444,

Loja 119, Ipanema. Encomendas pelo telefone (21) 99494-8667.

O Gato Café - O pioneiro cat café do Rio, preparou um Milkshake temático de Halloween (R\$ 29,90) com base de baunilha e essência de limão, que deixa ele bem verde, servido com Nutella na borda e granulados com abóboras de marshmallow no topo. Outra opção é a Pumpkin Lemonade (R\$ 18), a soda italiana ganha um toque laranja com a essência Monin. Um gato preto decora a borda do copo com dois chicletes como aperitivos. Rua das Palmeiras, 26 - Botafogo. Tel: (21) 99068-3036.

Nolita Oven Bar - Para entrar no clima, o chef Felipe Áppia criou uma sobremesa impactante! É a Trick or Treat, um milk-shake de chocolate com bolo de brigadeiro, uma abóbora de chocolate branco no topo e decorado com várias guloseimas como pirulito e jujuba. Além disso, quem for ao oven bar vai encontrar todos os funcionários da casa fantasiados à caráter. Villagemall - Av. das Américas - 3900 - piso L2 - Barra da Tijuca. Tel: (21) 3252-2678.

Que Doce - Entre os lançamentos especiais para o Dia das Bruxas, merece destaque os cupcakes de Halloween (R\$ 19) com massa de baunilha ou chocolate, cobertos com buttercream. Outra criação da confeitaria Flávia Olmo é o Bolo Decorado (R\$ 235 - 8 a 10 fatias), disponível na decoração de fantasminhas com abóboras. Também é possível encomendas. Rua Odílio Bacelar, 30 - Urca. Tel: (21) 98754-4648.